

# TRADUÇÕES DE FILOSOFIA MEDIEVAL EM PORTUGAL

## BOLETIM DE PUBLICAÇÕES RECENTES

Tradução de  
J. F. Meirinhos\*

---

A tradução de textos filosóficos constitui um elemento central, embora geralmente negligenciado, da constituição do campo filosófico em cada época e dentro de uma determinada tradição linguística. As traduções, antes de tudo, contribuem para a formação e a renovação do corpo de conceitos sem os quais não há pensamento articulado, nem especulação, nem a emergência do novo. A Idade Média, especialmente com as traduções arabo-latinas e greco-latinas dos séculos XII-XIII, fornece-nos uma poderosa ilustração do contributo das traduções para a formação do léxico filosófico e sobretudo para a renovação literária e científica da filosofia. Nesses séculos não assistimos apenas à recepção de uma biblioteca até aí desconhecida em latim, mas sobretudo à constituição de uma rica e dinâmica reserva de conceitos. É sob o impulso das traduções que se abre e se constitui no final da Idade Média outra tradição filosófica, no interior da qual germinarão, também por via de tradução para as novas línguas latinas e anglo-saxónicas, as múltiplas linhagens filosóficas modernas e contemporâneas.

Hoje as traduções filosóficas continuam a desempenhar o mesmo papel, embora a sua proximidade não nos deixe ver toda a mobilidade de pensamento que resulta do tráfico de conceitos que atravessa qualquer tradução. Alberto Magno, Tomás de Aquino ou Boaventura leram filosofia grega, ou árabe ou hebraica em traduções latinas e se a exactidão filológica das suas citações e interpretações é, por vezes, insatisfatória (devido à falibilidade das traduções que utilizaram), de modo algum isso nos permite desvalorizar a criatividade e a força especulativa que resulta dessas leituras. A necessidade de rigor filológico e a busca da expressão e do conceito exactos animam já o final da Idade Média (vejam-se as re-traduições de Aristóteles a partir do grego, como reacção aos barbarismos entrevistados nas traduções arabo-latinas) e se tornarão o padrão da erudição renascentista e moderna. O paroxismo desta busca do rigor filológico encontra-se no preceito her-

---

\* Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

menêutico que nos obrigaria à leitura de cada obra na língua em que foi escrita, o qual levado às últimas consequências nos deveria obrigar também a pensar e a escrever sobre cada autor ou sobre cada obra apenas nessa mesma língua e, no limite, a não dizer senão o que nela já se diz. Um exemplo de desconfiança e desprezo por certas traduções encontra-se em Rogério Bacon que, mais interessado em ridicularizar o tradutor Guilherme de Moerbeke (cfr. *Compendium studii philosophiae*, cap. VIII), põe em causa o pouco rigor e os métodos dos tradutores, porque no fundo não respeitam o texto que estão a traduzir, induzindo em erro os incautos leitores (para uma abordagem geral ver R. Lemay, "Roger Bacon's Attitude Toward The Latin Translations and the Translators of the Twelfth and Thirteenth Centuries", in J. Hackett, *Roger Bacon and the Sciences*, Brill, Leiden 1997, p. 26-47). Outros casos, como as traduções de Averróis ou as arabo-latinas de Aristóteles, teriam servido melhor para a ironia de Rogério.

Da tradução de obras filosóficas não resulta apenas o enriquecimento vocabular e especulativo da língua e da cultura receptoras. Com ela também se constituem, se alargam, se renovam as próprias possibilidades de pensamento. Hoje, como sempre, a tradução de obras filosóficas é um disseminante e fecundador cruzamento de culturas e línguas. Mas, como na natureza, os monstros também abundam e, também à imagem da natureza, nem sempre eles são necessariamente maus. Também a Idade Média nos dá um bom exemplo com a *sinderesis* que, em resultado de uma equívoca tradução do termo grego *syneidesis* (consciência), faria dela uma faculdade distinta da própria consciência, dando origem a uma rica e original especulação sobre a natural busca do bem como fim do homem (cf. T. Potts, "Conscience", in: *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*, Cambridge University Press, Cambridge 1982, p. 587-704).

O carácter da terminologia filosófica, a especificidade das formas literárias e a arquitectura dos argumentos usados pelos filósofos medievais, são para nós de tal forma estranhos que, só por si, tornam o trabalho de tradução necessário. Daí que para o medievista a tradução seja, antes de tudo, um passo constitutivo da investigação contribuindo para a apropriação do pensamento medieval no seu acto de acontecer, isto é no texto. O mundo medieval não é o mundo contemporâneo, daí que a tradução surja como uma mediação necessária para a genuína, embora sempre sujeita a revisão, apropriação da Filosofia Medieval enquanto outra, mas mantendo a consciência de uma diferença e de um arco temporal que a própria tradução de modo algum deve apagar.

Por outro lado, os que ensinam ou se interessam pelo pensamento medieval não podem dispensar a existência de traduções de obras medievais como primeira forma de alargar o número de leitores. A retracção do conhecimento da língua latina, mas sobretudo, mesmo para os que conhecem o latim, a referida tecnicidade conceptual e argumentativa dos autores medievais não dispensam a mediação do tradutor. Para compreender a filosofia medieval não basta ler historicamente e interpretar, é preciso traduzir.

Estas razões a que podemos chamar intrínsecas, conjugadas com a existência de especialistas com competência de tradutor e de um verdadeiro mercado de leitores formado por estudantes, por bibliotecas e pelos próprios especialistas, têm, felizmente, feito crescer o número de traduções de textos filosóficos medievais. Cada vez menos as traduções disponíveis em português são re-traduições a partir

de outras línguas modernas e são, cada vez mais, realizadas por especialistas em Filosofia Medieval. O carácter académico e o sentido de rigor das traduções ficam bem expressos no facto, hoje habitual, de serem acompanhadas pelo texto latino ou grego original, assim se oferecendo ao leitor múltiplas outras possibilidades de compreensão do pensamento que neles habita.

Problema mais delicado é o da teoria e do método apropriados para a tradução de textos filosóficos medievais, que o confronto das diferentes praxis de tradução poderá ajudar a clarificar de modo enriquecedor. Portugal e Brasil com uma língua comum mas com dois diferentes regimes do seu uso poderiam dar, a este propósito, um excelente *case study*.

\* \* \*

Não são muitas as traduções de textos filosóficos medievais realizadas em Portugal. Um pequeno mas activo grupo de medievistas portugueses tem feito ampliar a atenção dada a este período da história da Filosofia a um ritmo e com uma consistência até aqui pouco habituais. Simultaneamente, no Brasil há também um dinâmico e mais extenso grupo de medievistas que a um notável ritmo e de modo rigoroso tem transferido para português uma já substancial biblioteca de textos de Filosofia Medieval. Este pequeno contributo tem por único objectivo sistematizar e apresentar, para benefício dos leitores brasileiros, as mais recentes traduções realizadas em Portugal de obras medievais de Filosofia e Teologia, ou que numa perspectiva cultural mais geral interessem à compreensão do pensamento medieval.

Foram deixados de lado os estudos, originais ou traduzidos, porque fariam alongar demasiado esta lista, mas que podem ser facilmente localizados através de outras publicações.

Neste boletim incluem-se textos e autores medievais, isto é dos séculos VI a XV, organizados por ordem alfabética.

\* \* \*

#### **Álvaro Pais** (Alvarus Pelagius) séc. XIV

- **ÁLVARO PAIS**, *Estado e Pranto da Igreja (Status et Planctus Ecclesiae)*. Edição e tradução de Miguel Pinto de MENESES [onde se reproduz o texto latino da edição de Lyon de 1517, com tradução defronte]
  - vol. I [Liber I, art. 1-48], Instituto Nacional de Investigação Científica [=INIC], Lisboa 1988, 541 pp.
  - vol. II [Liber I, art. 41-59], INIC, Lisboa 1990, 630 p.
  - vol. III [Liber I, art. 60-70], INIC, Lisboa 1991, 466 p.
  - vol. IV [Liber II, art. 1-15], Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica [=JNICT], Lisboa: 1994, 577 p.
  - vol. V [Liber II, art. 17-47], JNICT, Lisboa: 1995, 591 p.
  - vol. VI [Liber II, art. 48-58], JNICT, Lisboa: 1996, 527 p.
  - vol. VII [Liber II, art. 59-70], JNICT, Lisboa 1997, 495 p.[A obra ficará completa com a próxima edição do último volume, que abrange os art. 71-93 do Livro II. Todos os vol. são distribuídos pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa].

**André do Prado** (Andreas de Prato) séc. XV

- ANDRÉ DO PRADO, *Horologium fidei. Diálogo com o infante D. Henrique. Edição do ms. Vat. lat. 1068*. Edição, tradução e notas por Aires Augusto Nascimento (Col. Mare liberum), Ed. Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses-Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa: 1994, 492 p. [O *Horologium fidei* / *Relógio da fé* é um amplo comentário teológico, com grande pendor canonístico, sob a forma de diálogo entre o autor franciscano e o infante D. Henrique, sobre o *Credo* ou *Símbolo da fé*].

**Anselmo de Cantuária**, S. (Anselmus Cantuariensis archiep.) séc. XI-XII

- SANTO ANSELMO, *Proslogion*. Tradução, estudo e notas por José S. RAMOS e Maria H. R. PEREIRA, Texto Editora, Cacém: 1995, 98 p.
- SANTO ANSELMO, *Proslógon*. Tradução de A. S. PINHEIRO. Introdução e análise de M. Fernandes e N. Barros, Lisboa Editora, Lisboa: 1996 (2ª ed.), 79 p.
- SANTO ANSELMO, *Proslogion, seguido do “Livro em favor de um insensato” de Gaunilo, e do Livro Apologético*. Tradução, introdução e comentários de Costa MACEDO, (Col. Filosofia. Textos, 10) Porto Editora, Porto: 1996, 122 p. [Tradução do *Proslogion* e do *Liber apologeticus*].

**António de Lisboa, S.** (Antonius Vlixbonensis / Patavinus) séc. XIII

- SANTO ANTÓNIO DE LISBOA, *Obras completas: Sermões dominicais e festivos (edição bilingue - latim e português)*. Introdução, tradução e notas por Henrique Pinto REMA, 2 vol. (col. Tesouros da Literatura e da História), Lello e Irmão Ed., Porto: 1989, 971 e 1071 p. [reproduz o texto latino da edição crítica de Pádua, com tradução defronte].

**Bernardo de Claraval, S.** (Bernardus Claraevalensis abb.), séc. XII

- BERNARDO DE CLARAVAL, *Apologia para Guilherme, Abade. Espiritualidade, comida e arte na polémica dos monges da Idade Média*. Apresentação, tradução e notas por Geraldo J. A. Coelho DIAS, O. S. B. in *Mediaevalia textos e estudos*, 13 (1998) no prelo. [Edição bilingüe da *Apologia ad Guillelmum abbatem*].

**Boaventura de Bagnoregio, S.** (Bonaventura de Balneoregio) séc. XIII

- SÃO BOAVENTURA, *Recondução das ciências à Teologia*. Tradução e posfácio de Mário Santiago de CARVALHO, (Col. Filosofia. Textos, 9) Porto: Editora, Porto 1996, 107 p. [Tradução da *Reductio artium ad theologiam*, seguida de uma introdução ao seu estudo].

**Boécio, Anício Mânlio Severino** (Anicius Manlius Severinus Boethius) séc. V-VI

- CERQUEIRA, Luís Manuel Gaspar, *Boécio*, De musica. Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa: 1990 [Inclui estudo sobre a música em Bécio e a recepção do *De musica*, com tradução integral da obra] (aguarda publicação).

**Boécio de Dácia** (Boethius de Dacia) séc. XIII

- BOÉCIO DE DÁCIA, *A eternidade do mundo*. Tradução, introdução e notas por M. A. S. de CARVALHO, (Universalisa, 6) Ed. Colibri, Lisboa: 1996, 117 p. [Texto latino e tradução].

**Dante Alighieri** (Dantes Alagherii), séc. XIV

- DANTE ALIGHIERI, *Convívio*. Tradução de Carlos Eduardo de Soveral (Coleção Filosofia & Ensaios) Guimarães Editores, Lisboa: 1992, 231p.
- DANTE ALIGHIERI, *Vida Nova*. Tradução dos originais italiano e latino por Carlos Eduardo de Soveral (Coleção Filosofia & Ensaios) Guimarães Editores, Lisboa 1993 (3ª ed.), 93 p.
- MOURA, VASCO GRAÇA, *A Divina comédia de Dante Alighieri*, Bertrand Ed., Lisboa: 1995, 894 p. [Texto original e tradução defronte da *Comedia*].

**Dionísio, pseudo-Areopagita** (Dionysius ps. Areopagita), séc. V

- PSEUDO-DIONÍSIO AREOPAGITA, *Teologia Mística*. Versão do grego e estudo complementar de Mário Santiago de CARVALHO, in *Mediaevalia. Textos e estudos* 10 (1996) 125 p. [Texto grego e tradução defronte da *Teologia mística*. Inclui também a tradução das *Cartas* 1, 2, 3 e 5, nas p. 75-77].

**Erros condenados em Paris em 1277**

- Nas p. 95-98 de BOÉCIO DE DÁCIA, *A eternidade do mundo* (ver acima) inclui-se a tradução das teses relacionadas com a superioridade da filosofia, a eternidade do mundo e a dupla verdade: (segundo a numeração de Mandonnet) 1-7, 16-18, 21, 26, 32, 67, 80, 83-93, 111-112, 129, 138, 170, 171, 184, 187-189, 191, 214, 216.

**Gaunilo de Marmoutiers** (Gaunilo Maioris Monasterii mon.) séc. XI

- [Tradução do *Liber pro insipiente* nas] pp. 45-49 de: SANTO ANSELMO, *Proslogion*, seguido do “Livro em favor de um insensato” de Gaunilo, e do “Livro Apologético”. Tradução, introdução e comentários de Costa Macedo (ver acima).

**Henrique de Gand** (Henricus de Gandavo) séc. XIII

- CARVALHO, Mário Santiago de, “Noção, medição e possibilidade do Vácuo (tradução do seu ‘*Quodlibet XIII*’, q. 3”, *Revista Filosófica de Coimbra*, 1 (1992) 359-385 [inclui a tradução da questão: “Se Deus pode criar um corpo fora do céu sem que esse corpo toque no séu”].
- CARVALHO, Mário Santiago de, “Sentido e alcance do pensamento de Henrique de Gand. Explicação da nona questão do *Quodlibet I*”, *Mediaevalia. Textos e estudos*, 3 (1993) 207-212 [Inclui a tradução da q. 9 do *Quodlibet I*].
- HENRIQUE DE GAND, *Sobre a metafísica do ser no tempo (Questões quodlibéticas I, 7/8-9 e 10)*. Versão do latim, introdução e notas de Mário Santiago de CARVALHO (Col. Textos filosóficos, 41), Ed. 70, Lisboa: 1996, 175 p. [Estudo e

edição bilingue do Quodlibet I, qq. 7-8 (“Se a criatura pôde existir desde a eternidade. Se é incompatível com a criatura existir desde a eternidade”), q. 9 (“Se a essência da criatura é o seu ser”), q. 10 (“Se a matéria pode existir por si mesma sem a forma”). Uma primeira tradução destas questões constituía o anexo da tese de doutoramento do autor: *Cratura Mundi. Estudo sobre o contexto metafísico da argumentação de Henrique de Gand contra a possível eternidade do mundo (Quodlibet I, q. 7-8)*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1994.

**Honório de Autun** (Honorius Augustodunensis) séc. XI-XII

- BARBOSA, Manuel J.S., *Imagens do Mundo - Honório Augustodunense. Estudo interpretativo, tradução, notas e índices*. Tese de Mestrado em Literaturas clássicas, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa: 1990, 247 p. [Inclui estudo e tradução de *Imago mundi*] (aguarda publicação).

**João Duns Escoto (Iohannes Duns Scotus)** séc. XIV

- JOÃO DUNS ESCOTO, *Tratado do primeiro princípio*. Trad. de Mário Santiago de Carvalho, Ed. 70, Lisboa 1998 (no prelo) [contém também um estudo sobre o *Tractatus de primo principio*].

**João Verba**, séc. XV

(Ver abaixo sub: Pedro, Infante).

**Martinho de Braga ou de Dume, S.** (Martinus Bracarensis ep.) séc. VI

- MACIEL, Manuel Justino, “S. Martinho de Dume. Texto sobre credices, ontem”, in *Arquivo Histórico Dominicano Português* 4/2 (1989) 309-320 [texto latino e tradução defronte do *De correctione rusticorum / Da instrução dos rústicos*]
- ALBERTO, Paulo Farmhouse, *O De ira de Martinho de Braga. Estudo, edição crítica, tradução e comentário*, in: *Mediævalia. Textos e Estudos* 4 (1993) 246 p. [Inclui estudo filológico-literário, nova edição crítica e tradução do *De ira*].
- MARTINHO DE BRAGA, *Instrução pastoral sobre superstições populares. De correctione rusticorum*. Edição, tradução, introdução e comentários de Aires A. Nascimento, com a colaboração de Maria J. V. BRANCO, (Col. Medievalia, 11) Ed. Cosmos, Lisboa: 1997, 168 p. [amplo estudo histórico doutrinal, seguido de nova edição crítica com tradução defronte].

**Pedro, Infante D.**, séc. XIV

- INFANTE D. PEDRO – FREI JOÃO VERBA, *Livro da Vertuosa Benfeitoria*. Edição crítica, introdução e notas de Adelino de Almeida CALADO, (Col. Acta Universitatis Conimbrigensis), Universidade de Coimbra, Coimbra 1994, CVII+362 pp. [NOTA: esta obra não é uma tradução, mas um dos primeiros textos filosóficos escritos em português, razão que explica a sua inclusão neste boletim].

**Pedro Hispano** (Petrus Hispanus) séc. XIII

- PINHEIRO, António Soares, tradução de [questões seleccionadas do *Comentário sobre o De anima de Aristóteles / Commentarium in De anima Aristotelis* = CDA, publicado sob o título *Comentário al de anima de Aristóteles*, edição de M. Alonso, CSIC, Madrid 1944]:
  - “Pedro Hispano. A Vida no Homem”, *Revista Portuguesa de Filosofia* 45 (1989) 137-144 [tradução de CDA I, lect. 3, qq. 1-4].
  - “Pedro Hispano. Primado da Psiconoética”, *Rev. Port. de Filo.* 45 (1989) 569-584 [tradução de CDA I, lect. 1, qq. 1-5].
  - “Pedro Hispano. Vitalidade e Discrimenes”, *Rev. Port. de Filo.* 46 (1990) 391-399 [tradução de CDA II, lect. 5, qq. 1-5].
  - “Pedro Hispano. A inteligência e a tríplice vitalidade”, *REV. PORT. DE FILO.* 46 (1990) 513-536 [tradução de CDA I, lect. 6, qq. 1-3 et II, lect. 6, qq. 1-5].
  - “Pedro Hispano. A Vitalidade e a Existência da Alma”, *Rev. Port. de Filo.* 47 (1991) 179-184 [tradução de CDA II, lect. 1, q. 1 et, II, lect. 4, qq. 7-8].
  - “Pedro Hispano. Questões de Teonoética”, *Rev. Port. de Filo.* 47 (1991) 469-85 [tradução de CDA I, lect. 10, qq. 1-9 et I, lect. 13, q. 1 et I, lect. 14, q. 5].
  - “Pedro Hispano. Pluralidade de Dinamias”, *Rev. Port. de Filo.* 48 (1992) 349-357 [tradução de CDA II, lect. 8, qq. 1-4].

**Raimundo Lúlio** (Raymundus Lullus) séc. XIV

- RAIMUNDO LÚLIO, *Livro do Amigo e do Amado*. Tradução de Dimíter AN-GUELOV, revisão de A. Guerra, Ed. Cotovia, Lisboa 1990, 78 pp. [Trata-se do cap. CVII, da parte V dedicada à vida eremítica e contemplativa, do romance *Blanquerna*].
- RAIMUNDO LÚLIO, *Livro da Ordem de Cavalaria*. Tradução de Artur GUERRA, Ed. Assírio & Alvim, Lisboa 1992, 75 p.
- *Vida coetânea*. Trad. de Luís Costa Gomes, em apêndice (pp. 215-234) ao romance da autora: *Vida de Ramón*, Publicações D. Quixote, Lisboa: 1991.

**Tomás de Aquino, S.** (Thomas Aquinas) séc. XIII

- TOMÁS DE AQUINO, *Tratado da Justiça*, trad. Fernando COUTO, (Col. Resjurídica) Rés editora, Porto s/d, 280 pp. [Tradução de *Summa Theologiae*, I-II, qq. 57-79].
- TOMÁS DE AQUINO, *Tratado da Lei*, trad. Fernando Couto, (Col. Resjurídica) Rés editora, Porto s/d [1993]. [Tradução de *Summa Theologiae*, I-II, qq. 90-108].
- SÃO TOMÁS DE AQUINO. *O Ente e a Essência*. Tradução e introdução por Mário A. Santiago de Carvalho, Edições Contraponto, Porto 1995, 107 p.
- TOMÁS DE AQUINO, *De eternitate mundi / Sobre a eternidade do mundo*. Texto latino da edição leonina. Tradução e estudo doutrinal por J. M. Costa MACEDO, in *Medievalia. Textos e estudos* 9 (1996) 149 p.